

AS BENZEDURAS EM POMERANO: ORALIDADE E MATERIALIDADES

NIKOLE SCHELLIN WILLE¹; VANIA GRIM THIES²;

¹*Universidade Federal de Pelotas – nikolewille@outlook.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – vaniagrim@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Entre os descendentes de imigrantes pomeranos¹, as benzeduras são uma prática cotidiana. Para Mazurana; Dias; Laureano: “benzedeiras pomeranas ainda são referência, inclusive para a população não pomerana, já que atendem a todas as pessoas, sem diferenciação” (2016, p.167). Este é o retrato da protagonista desta pesquisa², Amanda Bochardt Schellin, filha de um casal de trabalhadores rurais descendentes de imigrantes pomeranos, que nasceu no interior da cidade de Canguçu/RS, e atualmente, com 88 anos reside na cidade de Pelotas/RS.

O conceito de cultura escrita de Galvão (2010) é o pressuposto teórico principal deste trabalho demarcando o lugar – simbólico e material – que o escrito ocupa na vida de sujeitos ou determinadas sociedades e comunidades. Para o caso de Amanda, este lugar simbólico e material é manifestado de diferentes maneiras e se faz presente entre práticas orais e práticas de escrita, dependendo da função para qual ela faz o uso. No entanto, o objetivo desse recorte limita-se a problematizar as benzeduras e sua relação com a oralidade e as materialidades utilizadas durante os rituais de benzedura.

Para Gil; Silva (2019):

Por benzedura se entende o ato, relacionado a saberes populares, que consiste em rezar pelo outro, [...] na perspectiva de curar alguma doença ou de trazer alento para alguma dor e/ou enfermidade, que a pessoa esteja sentindo ou para proteção, sendo necessário, para isso, que ambos, benzedor e benzido, tenham fé (Gill; Silva, 2019, p.665-666).

Esses saberes populares são repassados pelos benzedores para aqueles que querem aprender. Neste caso, os saberes que Amanda faz uso para benzer foram aprendidos por ela observando seu pai e sua mãe benzerem familiares, amigos e vizinhos na comunidade rural onde viviam. Para Souza (2009), os benzedores são “adultos com breves experiências de escolarização, estabelecidos na tradição oral em uma região com escassa produção e circulação de material escrito” (Souza, 2009, p.11).

O caso de Amanda é semelhante ao descrito por Souza (2009). Amanda frequentou a escola por 3 anos e apresenta pouco domínio sobre as práticas da leitura e da escrita. No entanto, por toda a vida, ela tem manifestado intrínseca relação com o mundo das culturas do escrito, guardando materiais escritos, produzindo lista de compras e realizando benzeduras.

¹ Os pomeranos imigraram para o Brasil, vindos da extinta Pomerânia, território hoje compreendido entre a Alemanha e a Polônia.

² Este estudo é desenvolvido no âmbito do Centro de memória e pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales). Para saber mais ver em: <https://wp.ufpel.edu.br/hisales/>. O trabalho integra a pesquisa “Modos de produção e participação nas culturas do escrito por pomeranos da região sul (Século XX)” - Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 - Faixa A - Grupos Emergentes.

2. METODOLOGIA

Este estudo de caráter monográfico, possui seus pressupostos metodológicos ancorados na história oral. Metodologicamente, os dados foram coletados a partir das narrativas orais de Amanda³, registradas em diário de campo para esta pesquisa. E também, a partir das entrevistas informais, gravadas em aparelho celular.

Esses aspectos permitiram a construção de uma linha do tempo sistematizando sua história de vida, e assim, foi possível conhecer as nuances do contexto da infância e dos aspectos da escolarização de Amanda. Ainda, para o registro das benzeduras, promoveu-se uma série de gravações da protagonista da pesquisa realizando o ato de benzer. Durante as gravações foi observado o uso de artefatos, bem como a relação entre os gestos e a oralidade da benzedeira.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A contextualização sobre os primeiros anos de vida de Amanda é necessária para a compreensão de suas práticas atuais. Entre os anos de 1945 e 1949, Amanda estudou em uma escola multisseriada próximo de onde residia na localidade denominada de Solidez, na zona rural do município de Canguçu, Rio Grande do Sul. Conforme o seu relato, sua sala de aula era o templo da igreja Evangélica Luterana Independente da Solidez⁴. Para Albrecht (2017), a junção de escola e igreja é denominada de “sociedade escolar e religiosa” (Albrecht, 2017, p.13).

Devido ao contexto repressivo do período conhecido como Estado Novo (1937-1945) liderado por Getúlio Vargas, as escolas do país passaram pelas medidas da nacionalização do ensino. Uma dessas medidas era a proibição do uso de outras línguas que não fosse a língua da pátria. Nas escolas étnico-comunitárias a situação se agravava, pois geralmente as crianças faziam o uso da língua materna na escola durante a alfabetização, como era o caso de Amanda. Durante esse período, o uso de sua língua materna, o pomerano, foi proibido, o que impediu a consolidação da aprendizagem da leitura e da escrita. Amanda revela que o medo era um sentimento predominante no ambiente escolar. Assim, na escola, ela aprendeu a escrever seu nome, reconhecer as letras, os números e a realizar operações simples de cálculo. No ano de 1949, ela deixou de ir à escola logo após sua confirmação⁵ para ajudar os pais na lida da propriedade rural como era a prática da época.

A benzedura é uma prática cultural presente em diferentes grupos étnicos-raciais, e não está relacionada a uma instituição religiosa. No entanto, os benzedores entendem que a chave para a efetividade da benzedura está na fé. Em uma das entrevistas, Amanda relata que “[a benzedura] é uma coisa boa. É sempre a palavra de Deus. É de Deus, não é de mal!”.

Entre os descendentes pomeranos as benzeduras manifestam-se, apresentando inúmeras singularidades e pouca homogeneidade nas práticas entre os benzedores. Entretanto, as benzeduras podem ser caracterizadas por dois

³ A pesquisa passou pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer nº 6.631.563).

⁴ Instituição religiosa caracterizada por não pertencer a nenhum Sínodo. Localizada no interior do município de Canguçu/RS.

⁵ Com a conclusão dos estudos das primeiras normas e doutrinas da bíblia sagrada, os jovens entre 10 e 14 anos em uma celebração religiosa chamada “Confirmação”, confessam publicamente sua fé, que foi concebida no sacramento do Batismo, com o recebimento do sacramento da Santa Ceia.

aspectos recorrentes: a oralidade acompanhada de gestos e/ou uso de artefatos, tais como, um ramo para realizar a benzedura, um livro ou caderno.

Entende-se que são as palavras, proferidas em tonalidade de voz baixa, as quais constituem a reza durante o ato de benzer. Desse modo, a oralidade pode ser considerada o principal aspecto da prática das benzeduras, uma vez que, está presente em todos os tipos de benzeção. Se a oralidade está estreitamente relacionada ao uso oral da língua (Marcuschi, 2016), esse uso da língua oral é também influenciado pelas práticas sociais e discursivas de seus falantes, como é o caso da senhora em destaque no estudo.

Durante os rituais realizados por Amanda, as palavras de cura misturam dois idiomas: pomerano e português. Esses termos aprendidos de forma oral na língua materna, o pomerano, seguem presentes no vocabulário das rezas durante o ato de benzer. No entanto, algumas expressões, como por exemplo, “cobreiro brabo” foram adaptadas e são proferidas em português.

Quando solicitada, Amanda realiza as seguintes benzeduras: Quebrante⁶, sol⁷, encalho⁸, espinhela caída⁹, terçol¹⁰ e sobreiro¹¹. O ato de benzer é realizado no espaço da casa. E, dependendo da benzedura, a pessoa benzida deve deitar ou sentar, geralmente, com o corpo direcionado para a porta. Assim, acredita-se que o mal que a aflige vá embora, saindo pela porta.

Os artefatos presentes nos ritos da benzedura, são: copo com água e brasas quentes para benzer quebrante; água, sal, lenço de bolso, barbante e garrafa para benzer sol; ovo de galinha, linha de costura e brasas quentes para benzer encalho; anel ou aliança para benzer terçol; folhas de árvore e fogo para benzer sobreiro. Esses materiais utilizados servem como apoio durante a reza da benzedura. Assim, ao proferir a reza oral, os artefatos de apoio exercem a simbologia de retirada daquele mal específico do corpo da pessoa que está sendo benzida. Entende-se que o uso desta materialidade nas benzeduras consiste em um modo de dar significado ao ritual, uma forma de materializar a prática oralizada da benzedura, e assim, também dar sentido para a pessoa que recebe esta reza curativa.

Ao término do rito da benzedura, existe uma crença popular onde acredita-se que a pessoa que foi benzida não deve agradecer quem a benzeu. Ao ser questionada sobre isso, Amanda responde: “Não precisa. É bom nem agradecer”. De modo geral, as benzeduras também não podem ser pagas com dinheiro, ou seja, não é uma prática com custo financeiro, mas é comum a pessoa benzida levar algum presente para a benzedeira. Nas narrativas, Amanda lembra de uma pessoa que ela benzeu e que a presenteou: “Ele vinha de cavalo, me trouxe uma xícara. Eu disse ‘eu não cobro nada, nada! Para o bem eu faço! Pra vocês ficarem bem’”. Assim, o presente é oferecido em forma de agradecimento pela oportunidade de cura.

⁶ Quebrante ou quebranto: Espécie de fraqueza e/ou desânimo; um esmorecer geral do corpo que se origina de um mal querer de alguém.

⁷ Sol: Quando a pessoa sofre com dor de cabeça, e acredita-se que possa estar relacionado a uma espécie de insolação.

⁸ Encalho: Está relacionado a um desconforto estomacal. Amanda possui duas benzeduras para este mal.

⁹ Espinhela caída: No conhecimento popular, trata-se de um ossinho mole que vem do coração e que se está caído provoca dor no estômago, costas e pernas; causando um maior cansaço à pessoa. Acredita-se que a causa está relacionada ao esforço físico que a pessoa faz.

¹⁰ Terçol: Uma espécie de furúnculo ou espinha na pálpebra dos olhos.

¹¹ Cobreiro: São bolhas ou feridas, geralmente localizadas próximo aos lábios. No entendimento popular o sobreiro vem de todos os animais que tem peçonha (veneno), como por exemplo, a aranha.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa tem demonstrado que, geralmente, os benzedores são pessoas que não tem a sua profissão relacionada com a leitura e a escrita. São pessoas que passaram um período curto pela escola e que não escrevem e leem com competência, encontrando na oralidade uma maneira de firmar-se frente a um saber. E por isso, no caso de Amanda a benzedura como prática oral se sobressai sobre suas competências de leitura e escrita.

De modo inicial, acredita-se que a oralidade é o principal aspecto da benzedura, neste caso, a oralidade como reza associada às materialidades que são usadas como uma forma de apoio durante o rito.

Pode-se inferir que o ato de benzer é o modo desses sujeitos, pouco escolarizados, contribuírem de modo prático e efetivo nas comunidades onde estão inseridos, com seus saberes e conhecimentos que foram construídos no âmbito familiar e/ou com amigos e vizinhos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRECHT, Elias Kruger. **Entre textos e imagens**: o processo de ensino-aprendizagem em cartilhas alemãs produzidas para escolas sinodais. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2017. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/residenciapedagogica/files/2023/08/TCC_-Elias-kruger-Albrecht.pdf. Acesso em: 28 ago. 2024.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Histórias das culturas do escrito: Tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. Cap. 8, p. 218-248.

GILL, Lorena Almeida; SILVA, Eduarda Borges da. O cuidado com os outros: a benzedura no sul do Brasil. **Tempos Históricos**, v. 23, n. 1, p. 663-689, 2019. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos>. Acesso em: 10 out. 2024.

MARCUSCHI, Beth. Oralidade. In: FRADE, Isabel Cristina da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (org.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para alfabetizadores. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/oralidade>. Acesso em: 28 ago. 2024.

MAZURANA, Juliana; DIAS, Jaqueline Evangelista; LAUREANO, Lourdes Cardozo. **Povos e comunidades tradicionais do Pampa**. Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia, 2016. Disponível em: <https://fld.com.br/wp-content/uploads/2019/06/Livro-povos-e-comunidades-tradicionais-do-pampa.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2024.

SOUZA, Maria Jose Francisco de. Modos de participação nas culturas do escrito em uma comunidade rural no norte de Minas Gerais. **Tese** - (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. 2009. 194 f.